

O LETREIRO LUMINOSO

Algumas ponderações entre o autor e o personagem

Cristina Gomes de Brito¹

*Meu percurso de vida foi uma aventura orientada
por um sonho, um sonho de liberdade e também
de crescer na vida me libertando do estreito e
preconceituoso mundo em que vivo.*

Júlio Romão da Silva

RESUMO

Neste artigo, busca-se fazer uma reflexão acerca do conto *O letreiro luminoso*: uma reflexão dolorosa sobre a vida, de Júlio Romão da Silva (2001), à luz da teoria da Escrivência de Conceição Evaristo, de modo a compreender as similaridades e distanciamentos existentes entre o cotidiano do autor recém-chegado ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, e o personagem do conto. Para além da análise, apresentamos também uma breve discussão acerca das analogias do personagem do conto com o *José* do poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942, sem, contudo, fazer análise à luz da literatura comparada, posto que o intuito é somente apontar algumas semelhanças que há entre o autor, o personagem do conto e o José drummondiano.

Palavras-chave: Escrivência. Violência simbólica. Júlio Romão da Silva. Trabalho. Miséria.

¹ Doutoranda e pesquisadora sobre a vida e a obra de Júlio Romão da Silva, um teresinense negro defensor de causas sociais.

RESUMEN

En este artículo, buscamos reflexionar sobre el cuento El poste indicador: una reflexión dolorosa sobre la vida de Júlio Romão da Silva (2001) a la luz de la Teoría de la escritura de Conceição Evaristo, con el fin de comprender las similitudes y diferencias entre la vida cotidiana del autor recién llegado a Río de Janeiro, entonces Capital Federal, y el personaje del cuento. Además del análisis, también presentamos una breve discusión sobre las analogías del personaje del cuento con José del poema homónimo de Carlos Drummond de Andrade, publicado en 1942, sin, sin embargo, hacer un análisis a la luz de comparaciones. literatura, ya que la intención es solo señalar algunas similitudes entre el autor, el personaje del cuento y José drummondiano.

Palabras-clave: Escritura. Violencia simbólica. Julio Romao da Silva. Trabajo. Miseria.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Escrivência, termo proposto por Conceição Evaristo, é uma ramificação da literatura afro-brasileira que reflete fatos do cotidiano das favelas e de outros locais habitados por pessoas pobres. A autora interconecta ações, como viver, observar o mundo à sua volta e sentir as dores do povo contidas aqui e ali, que, depois de meditadas, são postas no papel em forma de literatura. Nesse sentido, a escrevivência é um espaço para delatar as injustiças sociais arraigadas no meio social. É um ato de escrita

no qual as vozes marginalizadas ecoam por meio das letras no papel sob o signo da escrita.

Em uma entrevista à revista PUCRS², a autora explica como surgiu o termo *escrevivência*. “Em 1994, na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra *escreviver*. Mais tarde comecei a usar *escrevivência*” (EVARISTO, 2018). É nessa conjuntura que surge a teoria da *Escrevivência*, de modo que a vida real ganha espaço na ficção e vem auferindo mais notoriedade aos olhos de pesquisadoras e pesquisadores da literatura afro-brasileira. Pontua Evaristo (2020a, p. 31): “Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana”. Infere-se que, nessa condição, há abertura para construir personagens humanos cujos dramas existenciais se misturam com os do autor ou autora.

Por ser a *escrevivência* retratos do cotidiano de pessoas marginalizadas, deduz-se que essa nova modalidade de escrita está relacionada à vida de Júlio Romão da Silva, uma vez que ele relata suas vivências em tom de desabafo pela vida injusta que leva desde a infância; em especial sobre sua chegada à cidade grande, bem como a sobrevivência nos primeiros dias, a adaptação e o primeiro emprego. Na escrita do conto em estudo, o autor narra uma história que reflete muito de si quando expõe a situação de

2 Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-também-e-nosso/nº187/jul./set.2018>. Acesso em: 21 out. 2022.

extrema pobreza do personagem do conto, além das dificuldades de sobrevivência com um salário ínfimo. Nesse sentido, é possível afirmar que o autor assume uma postura de escrivência em relação ao mundo que movimenta o trabalhador que corre como maratonista em busca do pão de cada dia.

Sobre o “José” de Carlos Drummond de Andrade, cujo nome é comum e muito popular, o poeta faz referência ao trabalhador, em especial ao operário mais simples e mais importante da história da humanidade: o pai adotivo de Jesus. O poema *José* (ANDRADE, 2012) enfatiza o passar dos dias de um homem que vive em uma cidade grande, sozinho e sem rumo certo. “E agora José? Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho” (ANDRADE, 2012, p. 26). O que há de desesperança, solidão e sentimento de não pertencimento no José drummondiano há também no homem do conto em análise que, a propósito, sequer tem um nome. Ao longo da narrativa, o autor faz referência ao personagem sete vezes nas quais o qualifica apenas como “homem”.

2 QUANTO DO AUTOR HÁ NO PERSONAGEM DO CONTO E O QUE JOSÉ TEM A VER COM ISSO?

A escrita de Conceição Evaristo nasce como forma de entender a vida, portanto surge a partir do rememorar da própria existência, conforme a autora pontua: a escrivência “surge da minha experiência pessoal [...] Da investigação de vidas muito próximas à minha [...] é uma escrita que tem, sim, a observação e a

absorção da vida, da existência” (EVARISTO, 2020b, p. 34). Neste sentido, ao se analisar o conto de Júlio Romão da Silva, indaga-se sobre como o autor encontra os recursos para a tessitura da escrita se não no seu próprio cotidiano e de outros trabalhadores cujas rotinas são semelhantes à sua.

Quem é o homem/personagem? Sabe-se apenas que é um trabalhador. Não se sabe se tem família: mãe, pai, esposa ou filhos. Simplesmente ele existe, trabalha e sonha. Quem é o homem Júlio Romão da Silva recém-chegado ao Rio de Janeiro? Pouco se sabe. É um homem que também trabalha e sonha, mas vai além, busca conhecimento. Faz o ginásio, estuda na Universidade do Brasil, onde, em 1959, diploma-se em História e Geografia. O homem do conto aposta na sorte e se frustra. Júlio Romão da Silva acredita na busca por conhecimento, com o qual consegue uma posição mais confortável. Mesmo com o agravante de ser um homem negro, posto que há o racismo estrutural, conforme Almeida (2019), que alimenta a sociedade e faz com que para o negro tudo se torne mais difícil, ele se joga em busca de seu sonho.

Se para o homem do conto não há qualquer registro de manifestação de família, para Júlio Romão da Silva, naquela fase da vida, relata somente ter deixado uma avó em Teresina, contudo, até se fixar no Rio de Janeiro, não há relato de constituição familiar. Autor e personagem têm vivências igualmente marginalizadas, de muito trabalho, no entanto não se pode negar que a vivacidade presente em Júlio Romão da Silva muito o diferencia do seu

personagem, para o qual a mudança de vida fica limitada aos sonhos que não se realizam.

Para demonstrar outras semelhanças que há entre o que o autor relata da vida do operário/personagem e sua própria vida, basta rememorar os relatos de quando chega à Capital Federal. Consta que passa os primeiros dias no Albergue da Boa Vontade, na Praça Mauá, que, segundo ele, acolhe “mendigos e vagabundos”. Um detetive o olha e faz a seguinte observação: “Estou identificando que você não é mendigo nem vagabundo” (SILVA, 2004, p. 07). Por falta de dinheiro para pagar uma hospedagem, Júlio Romão da Silva se instala naquele albergue público que fornece alimentação gratuita, uma vez que não tinha condições de comprar comida.

Neste sentido, o jovem demonstra satisfação em ter se hospedado nesse ambiente porque ali consegue se alimentar. “Lá foi até bom, porque eu lá comi, tomei um café com um pão desse tamanho. Eu não comia há muito tempo. Viajei comendo rapadura com farinha oito dias, [...]” (SILVA, 2004, p.07). Isso não é literatura, não é fala de um personagem, isso é a fala de um homem pobre e negro que busca em outras terras condições dignas de trabalho, salário, moradia e conhecimento. “Procurei emprego e por acaso ele me mandou para o *Jornal do Brasil* para procurar emprego” (SILVA, 2004, p. 07). Os primeiros trabalhos são os mais humildes nos quais inclui lavar banheiros - há mais detalhes à frente - e fazer pequenos serviços pessoais, como comprar cigarros e outros gêneros em troca de pequenas gorjetas.

E por acaso eu encontrei lá um advogado associado a um Senador da República, daqui de Teresina que era sócio do escritório. E eu comprava coisas para eles, como cigarro, fazer um mercadinho, levar uns documentos e permitiam que eu ficasse com o troco (SILVA, 2012, p. 75).

Nota-se que há assistencialismo; há troca de favores e mais que isso: há exploração. Antes de chegar ao Rio de Janeiro, na capital maranhense, Júlio Romão da Silva presta serviços de marceneiro para o Palácio dos Leões, mas, com o salário recebido, sequer consegue pagar sua passagem para o Rio de Janeiro, fato que o faz embarcar como clandestino num porão de navio. Especialmente naquela época, era muito comum a migração de nordestinos para as cidades mais abastadas fugindo da seca e em busca de melhores condições de vida. O navio em que ele viaja parte do Ceará com muitos imigrantes com destino a São Paulo.

O conto de Júlio Romão da Silva narra o cotidiano de um trabalhador de fábrica cansado de ser humilhado pelo patrão, como também de ser oprimido, reflexo da exploração da mão de obra do trabalhador que faz lembrar a teoria da mais-valia, fruto do Capitalismo, defendida por Karl Marx (1974), na qual o detentor do capital enriquece cada dia mais enquanto o trabalhador continua recebendo seu mísero salário que mal dá para seu sustento.

O personagem de Júlio Romão da Silva é um trabalhador comum de uma fábrica, como tantos outros, seja na literatura, seja no mundo real; é aquele que bate ponto, não pode atrasar nem faltar; se se atrasa, aquele dia de trabalho é descontado automaticamente do salário. É um homem solitário, mora mal; o que ganha é suficiente apenas para mantê-lo vivo. Para ele, a vida é cíclica, lenta, sem alterações, sem novidades, sem motivação, situação muito comum em, sobretudo, homens que saem de suas moradas, especialmente do interior do Nordeste brasileiro levando na bagagem apenas a esperança e a saúde.

Tais cidadãos deixam suas famílias para buscar melhores condições de sobrevivência em grandes centros, quando arranjam algo na construção civil ou no segmento fabril, onde se tornam operários de chão de fábrica. São eles que operam máquinas e equipamentos que têm por objetivo a transformação da matéria-prima em produtos semiacabados que depois viram produto final. Quanto menos instrução, menores os salários, o que contribui sobremaneira para as péssimas condições de vida, posto que é necessário pagar por moradia, alimentação, vestuário, às vezes, transporte e ainda enviar dinheiro para a família. Alguns retornam para suas casas porque não se adaptam ou porque não conseguem o básico da sobrevivência de um trabalhador; outros resistem, se fazem fortes e, a muito custo, se fixam na cidade grande.

Situação análoga encontra-se em José: “Se você morresse... Mas você não morre, você é duro, José” (ANDRADE, 2012, p.27).

O trabalhador do poeta é um homem que tem as suas vontades interditas: “já não pode beber, já não pode fumar”. José tem anseios, mas nota-se que todos eles são tolhidos. José quer fugir da situação em que se encontra, mas não encontra um meio, apenas marcha como quem obedece aos comandos de um general esquecendo-se de si (ANDRADE, 2012, p.27).

“Sem cavalo preto
que fuja a galope,
Você marcha, José!
José, pra onde?”

Esse homem é introspectivo, reprimido, cuja vida se resume apenas ao passar dos dias; nem fugir se atreve porque não tem um destino certo para onde se deslocar (ANDRADE, 2012, p. 28).

Outra analogia importante é com o personagem Carlitos do filme *Tempos modernos* (CHAPLIN, 1936)³, produzido e interpretado por Charles Chaplin. Carlitos, assim como todos os trabalhadores citados aqui, procura ascensão profissional, mas as situações impostas não lhe são favoráveis. A exploração dos trabalhadores é tão forte e abjeta, que Carlitos desenvolve uma crise nervosa por conta do esforço repetitivo por longas horas

3 Disponível em: <https://www.culturagenial.com/tempos-modernos-filme>. Acesso em: 27 fev. 2023.

de trabalho. O filme é uma crítica ao Capitalismo e à Revolução Industrial.

Nesse sentido, é muito comum também se ver, nas mídias sociais e noticiários, casos de assédio moral em que homens e mulheres são vítimas dentro das empresas, mas muitos preferem suportar o tratamento humilhante porque dependem do emprego. A resignação, nesse caso, é uma questão de subsistência. Eis a representação do nordestino que, a muito custo e tempo em terras estranhas, consegue alguma estabilidade, para, por fim, levar a família para junto de si, mas nem sempre as condições são favoráveis, o que culmina em vários outros problemas de ordem social e familiar.

3 OPRESSÃO, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, SONHOS E DESEJOS NA RELAÇÃO AUTOR E PERSONAGEM

O conceito de violência simbólica criado por Pierre Bourdieu (2014) leva à compreensão de que esse tipo de violência é naturalizado, portanto é legitimado pela sociedade. Na maioria das vezes, o oprimido não percebe a opressão de que é vítima. Se há uma relação de cumplicidade, é possível que o opressor seja consciente de seus atos, mas procura meios de fazer com que o vitimado não perceba que está sendo abusado. A esse respeito Bourdieu (2014, p. 12) comenta:

[...] chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Neste sentido, fica visível que, de acordo com Bourdieu (2014), tanto o autor do conto como o personagem são vítimas de violência simbólica; a diferença é que o autor parece não perceber ou, se percebe, a conduz pela via do sentimento; já o personagem percebe e se mostra incomodado.

O homem do conto, depois de ver o letreiro luminoso, passa a alimentar em si a obsessiva ideia de enriquecer. Além de almejar uma mudança radical de vida, também pensa em represália. O trabalhador quer se libertar, quer se vingar pelo tratamento desumano que recebe do “gerente da fábrica que antes o tratava como a um cão”, conforme Silva (2001, p. 04). Tão forte é a ideia que, naquela mesma noite em que vê o letreiro luminoso, sonha ganhando o bilhete premiado.

No sonho, o homem se torna milionário. Depois de ter recebido o prêmio, a primeira ação é tratar de se vestir adequadamente, ou melhor, pomposamente. “De posse daquela fortuna, entrou numa loja de artigos masculinos e mandou vir

o que havia de melhor, sem indagar o preço. E dali retirou-se transformado em um autêntico burguês” (SILVA, 2001, p. 02-3). Nesse sentido, o homem realiza um dos desejos de quem mal ganha para a alimentação, que é o autocuidado. Além da satisfação de se ver apresentável, é importante frisar que, para uma pessoa ser aceita nos grupos sociais, deve estar bem vestida e bem cuidada. Essa é uma das exigências da sociedade, posto que uma pessoa de aparência descuidada e mal cheirosa já é motivo suficiente para ser posta à margem e tratada com desdém.

Júlio Romão da Silva experimenta desse autocuidado quando sai de São Luís, capital do Estado do Maranhão para fazer morada no Rio de Janeiro. “Cheguei no (*sic*) Rio de Janeiro sem tostão no bolso, sem dinheiro. O dinheiro que eu ganhei **aqui**⁴ eu comprei as coisinhas para viajar, umas roupinhas” (SILVA, 2004, p. 11, grifo meu). O jovem entende que, para ser acolhido na então Capital Federal e ser aceito como empregado de uma alguma empresa, necessita estar bem trajado.

Tal situação faz lembrar o relato de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* (2014, p. 18). Assim ela relata: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível”. Nota-se, portanto, que é comum o desejo de se vestir bem quando as condições financeiras não são favoráveis. Nesse sentido, a autora aponta que andar mal

4 Entrevista concedida em São Luís – MA em 2004. Entrevistadores Amílcar Araújo Pereira e Verena Alberti, do Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

vestida não é uma escolha, é uma condição. Desse modo, roupas adequadas, moradia digna e comida farta na mesa, sem dúvida, são sonhos de quem não as têm. Este seria também o sonho de Júlio Romão da Silva recém-chegado ao Rio Janeiro? Tudo leva a crer que sim.

O homem do conto tem pressa em ser rico, de modo que esperar a dignidade almejada pagando com o próprio salário é quase que acreditar em histórias lendárias; assim, ainda martelando na cabeça as palavras do letreiro luminoso “Fique rico! Fique rico!” (SILVA, 2001, p. 2) e a ideia de realizar aquele sonho, decidiu-se: “saiu à rua e aventurou na loteria tudo o que possuía para comer no decorrer da semana” (SILVA, 2001, p. 10). Mesmo antes de sair o resultado, já fazia planos de abandonar o emprego e dar adeus ao patrão, pois “já estava cansado de ser burro de carga, servindo a patrões que apodreciam de ricos à custa dele e de outros cada vez mais miseráveis” (SILVA, 2001, p. 10).

Mas eis que o homem que fazia planos com o prêmio não é contemplado. O sonho de mandar emprego e patrão “às favas” não se realiza. Desolado e sem o último dinheiro para garantir o alimento da semana, à noite olhava ao longe o letreiro luminoso que piscava ironicamente: “Fique rico, fique rico!” (SILVA, 2001, p.11). O homem pobre, desejoso de ser rico, se compreende no seu mundo com a máxima: “quem nasceu para ser vintém nunca chega a pataca” (SILVA, 2001, p. 11). Para ele, a desesperança era o que reinava, porque sonhar se tornou inútil.

Desse modo, o sujeito trabalhador se faz digno de ser visto com o olhar da escrevivência, pois vive as amarguras que a vida lhe propõe e não encontra saída ou meio de mudar, portanto não se vê em outra prática cotidiana, a não ser em sonho. Segue sua vida: acordar, pegar sua marmita e seguir para o trabalho, chegar tarde, cansado, comer o jantar, dormir poucas horas, acordar e fazer a mesma rotina do dia anterior, sem qualquer perspectiva de mudança. O corpo não tem qualquer urgência. Apenas o estômago pode reclamar vez ou outra. O sonho, talvez, seja uma forma de suportar o mundo.

Reinam, em nossa sociedade, questões referentes ao fato de determinado indivíduo achar que é superior a outro por motivos vários, sobretudo raça, gênero, classe social ou religião. Ele se sente mais importante e ainda tem o apoio da sociedade. O fato de um empregador humilhar seu subordinado remonta aos tempos da escravidão, mas, na era industrial, não é diferente; trabalho com jornada exaustiva e baixo salário continua até hoje. No conto, o narrador se refere ao personagem apenas por “o homem”, fato que demonstra o pouco valor que ele tem na sociedade e a desumanização do sujeito. “O **homem** olhou aquilo [...] e o **homem** foi para casa com sua obsessão” (SILVA, 2001, p. 01, grifo nosso). A ausência do nome repercute a falta de pertencimento do indivíduo como cidadão ao meio social.

O homem do conto, no sonho, depois de se vestir dignamente, a segunda atitude que toma é dar o troco no chefe

tomando a esposa dele como a favorita do seu “harém”. Não satisfeito, dirige-se ao ex-chefe que rastejava aos pés do novo milionário: “Eu sabia que tu não passavas mesmo de um porco. Um porco! É o que na realidade sempre foste” (SILVA, 2001, p. 07). O homem guarda rancores pelos maus tratos sofridos, ou seja, pela violência simbólica da qual é vítima, e sonha uma vingança para além da realidade.

Subitamente o homem acorda no seu “leito de trapos” e, assustado, percebe que “tudo no pardieiro continuava em seus devidos lugares” (SILVA, 2001, p. 09). Ou seja, na sua morada, estava tudo na mesma (des)ordem de sempre. Após o choque de realidade, percebe que tudo não passou de um sonho, já tinha perdido a hora no trabalho “e ele tinha um dia a menos de salário, porque o relógio da fábrica é mecânico e implacável” (SILVA, 2001, p. 09). Não bastando o embaraço do sonho, ainda tem reduzido o salário que já é mínimo. O personagem sofre quando diz que está cansado daquela vida, pois é atingido moralmente pelas humilhações cotidianas. Sofre um tipo de violência que não deixa marcas físicas, mas o deixa abatido e sem vontade de prosseguir no trabalho.

Retomando a questão da morada do homem à qual o autor de refere como pardieiro e à cama, como leito de trapos, novamente faz recordar o *Quarto de despejo* (2014) de Carolina Maria de Jesus: “Eu falei que residia em favela. Que favela é o pior cortiço que existe” (JESUS, 2014, p. 25). Apesar da insatisfação de

morar numa favela, a autora se diz alegre e canta todas as manhãs. “Sou como as aves, que cantam ao amanhecer” (JESUS, 2014, p. 25). Ainda segundo a autora, todas as manhãs a primeira coisa que faz é abrir a janela e contemplar o espaço. Embora seja um local que não lhe apetece morar, ela sabe intercalar os momentos de desgosto com os de ser feliz naquele espaço que ela é obrigada a aceitar como local de morada.

Quando os entrevistadores perguntam se ele é faxineiro referindo-se ao primeiro emprego logo após sua chegada ao Rio de Janeiro, Júlio Romão da Silva afirma:

Faxineiro não, era tudo. Era lavador de vaso sanitário do meu patrão...e **eu era obediente porque eu precisava de um empreguinho**, não é? E aí foi bom pra mim porque eu dormia no emprego, em cima da mesa [...], cobria de jornais, não tinha lençol (SILVA, 2004, p. 10, grifos nossos).

O fato de Júlio Romão da Silva ser um “servo” obediente explica o porquê de ele ser bem aceito. O empregado bonzinho que aceita tudo e se contenta com o salário minguado que recebe agrada ao patrão. Faz-se obediente para ser aceito; é aceito porque é obediente. Essa é a regra do jogo! Importante frisar o fato de ele dormir em uma mesa coberta de jornais. Ops!! O patrão é bom!?

Dormia no emprego, isso o faz passar mais horas no local de trabalho, provavelmente sendo explorado, mas novamente ele não percebe o quanto está sendo vítima de uma violência simbólica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O personagem do conto em estudo cala-se diante das atrocidades cometidas por seu superior. Não é necessário estar escrito para o leitor perceber que é obediente, que cumpre as regras do jogo para permanecer no emprego, porém fica claro que não está contente com o tratamento que recebe, está farto de aumentar o patrimônio do patrão, fazendo valer a lei da mais-valia, enquanto ele e os pares ficam cada dia mais miseráveis. Por essa razão, alimenta o desejo de tornar-se milionário para, enfim, abandonar o emprego, o que não sucede.

Infere-se, portanto, que o autor do conto dá ao personagem algumas características que lhe são muito peculiares, como a primeira morada, o primeiro trabalho, o salário insuficiente para suprir as necessidades básicas, enfim essas situações permitem fazer uma analogia entre o autor e o personagem, de tal modo, que as semelhanças entre ambos podem ser relacionadas a uma escrevivência. O que diferencia Júlio Romão da Silva recém-chegado ao Rio de Janeiro de seu personagem é que sua vida não se restringe ao trabalho e ao sonho; ele estuda e consegue seu diploma de nível superior, mesmo vivenciando situações de

extrema necessidade, mas, considerando a teoria da Escrivivência, suas dificuldades são acolhidas por sua própria literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. E-book Klindle.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. Entrevista concedida a Ana Paula Acauan. **Revista PUCRS** nº 187, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 21 set. 2022.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

MARX, Karl. **O capital**, Volume I – Trad. J. Teixeira Martins e Vital Moreira, Centelha - Coimbra, 1974.

SILVA, Júlio Romão da. **O letreiro luminoso**: uma reflexão dolorosa sobre a vida. Rio de Janeiro: edições MLG (coleção diamantes, clássicos modernos contemporâneos), 2001.

SILVA, Júlio Romão da. Júlio Romão da Silva (depoimento, 2004) Entrevistadores Amílcar Araújo Pereira e Verena Alberti. Rio de Janeiro, CPDOC/**Fundação Getúlio Vargas** (FGV), (1h 45min). Disponível em: [www. Fgv.br](http://www.Fgv.br). Acesso em: 01 set. 2021.

SILVA, Júlio Romão da. Júlio Romão da Silva – fui, vi e venci. Entrevista concedida a Ronaldo Alves Mousinho. In: CAMPELO, Ací; FERREIRA, Elio. **Júlio Romão da Silva, entre o formão, a pena e a flecha**: fortuna da obra de um escritor negro brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2012.

TEMPOS Modernos. Direção e roteiro: Charles Chaplin. Los Angeles: MK2, 1936. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/tempos-modernos-filme>. Acesso em: 27 fev. 2023. (87 min.)